



NINGUÉM COME PIB: ECONOMIA COMO SE A ECOLOGIA IMPORTASSE

Vera M. Tietzmann Silva

Maria Cristina F. Dalacorte Ferreira¹

Ninguém come PIB: Economia como se a ecologia importasse

Autor: Erico A. Davidson

Um encontro de lazer em Aruanã da professora Maria Cristina e seu marido Laerte Ferreira, ambos docentes e pesquisadores da UFG, com o ecólogo americano Eric Davidson criou o ensejo da publicação no Brasil do livro *You can't eat GNP: economics as if ecology mattered* (Cambridge: Perseus Publishing, 2000). Como a professora trabalhava com tradução em turmas da graduação, o autor, que havia atuado em pesquisa ambiental na Amazônia, sugeriu-lhe que vertesse seu livro para o português, levantando a hipótese de isso ser feito com os estudantes. De fato, os alunos tomaram parte na tarefa como um dos momentos de avaliação na disciplina e como um contato com o teor da obra, que constitui um alerta sobre os riscos que ameaçam nossa vida no planeta. Para fins de publicação, a tradução foi refeita e finalizada pelas duas professoras que assumiram o projeto, Maria Cristina Dalacorte Ferreira, da área de inglês, e Vera Tietzmann Silva, da área de literatura.

¹ Vera Maria Tietzmann Silva é Mestre em Literatura Brasileira pela UFG, especialista em Língua Inglesa pela PUC-Minas e professora titular da Faculdade de Letras da UFG. Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira é Doutora em Linguística Aplicada pela UFG e professora associada da Faculdade de Letras da UFG.

Embora o tema do livro seja extremamente sério, o autor conseguiu imprimir-lhe um tom de leveza, o que, segundo ele, tornou sua tarefa bem mais pesada do que a redação de artigos científicos a que estava habituado. Escrever para um público amplo com objetividade e precisão, sem recorrer a tecnicismos nem se valer do jargão de especialistas foi a meta que ele se propôs, e fez isso com grande competência, diga-se. A leitura é de fácil entendimento, é leve no tom, mas, apesar de sua leveza, induz o leitor à reflexão e, com ela, a mudanças de comportamento diante da situação-limite em que o meio ambiente hoje se encontra.

A exposição é bastante didática, estendendo-se por nove capítulos, cada qual com um subtítulo: 1. De onde vem a riqueza? Três falácias sobre economia versus meio ambiente; 2. Terra fértil a preço de banana. Duas visões sobre o valor do solo; 3. O preço está errado. Vantagens e desvantagens da análise de custo-benefício; 4. O impacto futuro amenizado. Uma outra armadilha na análise de custo-benefício; 5. Internalizar as externalidades. Um pedaço de céu azul para diminuir o aquecimento global; 6. Lixo global. Malthus revisitado; 7. Em busca da sustentabilidade. Dos pequenos proprietários de terra aos macroeconomistas; 8. Povoar e conquistar a terra, mas manter dois de cada espécie. É possível cumprir essas duas ordens?; 9. Que possamos viver tempos interessantes. Algumas propostas modestas para mudanças profundas. Os capítulos incluem quadros com citações de intelectuais e políticos sobre o tema abordado, assim como desenhos e gráficos ilustrativos.

A objetividade dos dados e a gravidade dos eventos relativos ao esgotamento dos recursos naturais e ao aquecimento global não têm o costumeiro

tom apocalíptico graças ao estilo do autor, que conduz sua argumentação entremeando-a com cenas de sua vida pessoal, tanto profissional como familiar, com alusões a acontecimentos históricos e a personagens das leituras de seu filho, então com seis anos. A inserção desses relatos alivia o peso dos fatos e dá uma visão mais concreta do tema abordado, e, ao serem sempre retomados, atua como um fio a costurar os nove capítulos, relacionando-os entre si de modo criativo e eficaz.

O título do livro já é instigante: *Ninguém come PIB*, e o subtítulo esclarece que dois setores hoje muito valorizados e tidos como irreconciliáveis – a economia e a ecologia – são postos em confronto com vistas a uma harmonização benéfica a ambos. Trata-se de uma obra destinada tanto ao público geral quanto a pesquisadores. O leitor leigo nele encontrará explicações claras, expostas de modo didático e compreensível; nas notas e recomendações de leitura que finalizam cada capítulo, o pesquisador encontrará as fontes a que o autor recorreu para escrever seu livro.

Embora a edição americana original já tenha dez anos, o tema desenvolvido por Davidson ainda mantém seu apelo, cabendo ao leitor fazer pequenos ajustes aos números e estatísticas mencionados, que lamentavelmente continuam a crescer de modo alarmante. Trata-se, pois, de um livro atual, cuja edição no Brasil é muito oportuna. Os originais traduzidos encontram-se em fase de editoração, prevendo-se seu lançamento para o primeiro semestre de 2011, sob o patrocínio do IPAM, Instituto de Pesquisas da Amazônia, uma ONG dedicada aos estudos ambientais.

Uma questão que sempre surge quando se fala em tradução é a fidelidade ao texto. Na verdade, pode-se dizer que não existe tradução literal, pois traduzir implica refletir, selecionar, adaptar. Não se traduzem apenas palavras, mas também o tom com que elas são ditas, o tempo de sua escrita e o de sua recepção, o contexto em que se inserem, levando-se também em conta o público-alvo a que se destinam, com suas referências geográficas e culturais. Portanto, traduzir sempre é, de alguma forma, adaptar, e o grande desafio dos tradutores consiste em equilibrar-se entre a fidelidade absoluta e a adaptação necessária. A tradução de *You can't eat GNP* apresentou uma série de dificuldades envolvendo conteúdo e linguagem que julgamos oportuno comentar aqui.

Com relação ao conteúdo, a intervenção do tradutor costuma fazer-se sob a forma de esclarecimentos, comparações ou inserções motivadas pelas distinções entre as culturas do autor e do novo público leitor. São contribuições que, longe de desmerecerem o texto original, fazem com que ele fale mais de perto ao leitor, que se aproxime mais do seu tempo e das suas vivências. No caso do livro de Davidson, por exemplo, isso aparece nas referências à extensão de danos ambientais, que o autor compara à superfície de alguns estados de seu país e que na tradução vêm transpostas ou reduplicadas com comparações a estados brasileiros. A área do Pará ou de Sergipe são bem visualizadas na mente do leitor, enquanto as de estados americanos não o são. Também as medidas agrárias foram convertidas para as usadas no Brasil (de acres para hectares).

Quando o autor discorre sobre o uso de combustíveis fósseis e possíveis alternativas para os motores de automóveis, julgamos oportuno incluir *en passant* uma breve referência aos veículos *flex*, um sucesso de mercado dos carros produzidos no Brasil. Essas foram intervenções mínimas e pontuais, já que o verdadeiro trabalho de tradução se faz no plano da linguagem.

Como qualquer tradução, *Ninguém come PIB* requereu adaptações envolvendo três níveis da linguagem: o *estrato sintático*, que compreende as estruturas linguísticas, a arquitetura da língua em suas combinações internas, peculiares a cada idioma; o *estrato semântico*, que inclui o léxico, com sua diversidade de acepções, as gírias e expressões idiomáticas; bem como o tom narrativo, que também direciona o entendimento do texto, e a inserção de referências e alusões, que reforçam o significado e as intenções do texto; e o *estrato fônico*, que se relaciona a uma questão mais estética da linguagem

e que, buscando o ritmo e a eufonia, também reforça o tom e o significado do texto com vistas a assegurar a fidelidade ao sentido que o norteia. Vejamos algumas dessas questões na tradução do livro de Davidson.

Com relação ao *estrato sintático*, pode-se dizer que, comparado ao português, o inglês é uma língua bastante simples, e desta simplicidade decorrem algumas características que precisam ser levadas em conta pelo tradutor. A sintaxe inglesa, por exemplo, apoiando-se numa rígida *word order*, não permite certos malabarismos estilísticos que costumamos observar no português. Manter essa ordem na tradução pode sugerir ao leitor uma escrita elementar. O mesmo se vê quanto à excessiva repetição de sujeitos e objetos, motivada pela economia das formas verbais, que não dispõem das muitas desinências que em português lhes permitem ficar implícitos. A bem da clareza, então, sujeitos e objetos precisam ser repetidos a cada passo, e cabe ao tradutor ajustar seu uso à estrutura do português. Possessivos e artigos também são usados de modo diferente numa e noutra língua, devendo o tradutor decidir quando cortá-los ou quando inseri-los.

O uso das formas verbais é outro problema na tradução: de um lado, há os tempos do subjuntivo e o infinitivo pessoal do português, problemáticos até para os falantes nativos; de outro, o *present perfect*, do inglês, um tempo bem camaleônico. Aliás, esse tempo verbal comporta três equivalentes em português, o presente do indicativo, o pretérito perfeito e a forma composta paralela à do inglês, cada qual com sua nuance de significado a que o tradutor precisa estar atento para não falsear o sentido do texto.

Com relação ao *estrato semântico*, o léxico apresenta alguns problemas de equivalência, quando, por exemplo,

uma mesma palavra tem diversos equivalentes na outra língua, com nuances significativas diferentes. É o caso de “terra”, em português, que traduz diversas palavras do inglês, como *earth*, *land* e *dirt*, sem, contudo, expressar as distinções de significado implícitas nessas palavras.

Quanto às expressões idiomáticas e de gíria, às vezes o tradutor encontra seu equivalente quase literal na outra língua, outras vezes precisa valer-se de expressão diferente, mas com sentido aproximado. O mesmo acontece com os provérbios e ditos populares, que muitas vezes são criações regionais. Por exemplo, no início do Capítulo 2, Davidson introduz a questão das planilhas de custo-benefício contando sua indecisão quanto à compra de um carro novo, já que ele era adepto da ideia de que um veículo “deveria ser usado até cair aos pedaços” (“*drive-it-til-it-drops*”). Ele credita esse hábito à sua criação escocesa (os escoceses são tidos como seguros em matéria de gastos) e se decide a trocar de carro ao lembrar as palavras do avô econômico dizendo que, apesar de tudo, ao morrer não se pode levar o dinheiro. A frase do avô, “you can’t take it with you” foi convertida no dito popular brasileiro “caixão não tem gaveta”, mais em sintonia com o tom meio brincalhão do texto que precisava ser preservado.

Já na esfera estilística, o *estrato fônico* determina a seleção do léxico e da construção sintática (*word order* incluída) que melhor se coadunem com o tom geral da exposição – no caso, um tom coloquial e leve. No mesmo capítulo, e ainda falando sobre a hipótese de comprar um novo carro, Davidson conjectura se deveria incluir um aparelho de som em seu veículo. Fazendo graça, o autor deliberadamente tira partido da sonoridade da língua valendo-se de aliterações para criar um efeito de estilo imitando os ruídos do carro e da música: “[...] boogying to some bebop in my new buggy” (grifo nosso). Para manter a coloquialidade beirando a gíria e também o recurso à aliteração, esse trecho transformou-se em: “[...] cantarolar uma canção legal no meu carango” (grifo nosso). Como se percebe, traduzir vai um pouco além de transpor um texto para outra língua, palavra por palavra, e esperamos ter alcançado um resultado satisfatório. Cabe aos leitores de *Ninguém come PIB* conferir isso quando o livro for lançado no mercado brasileiro em 2011.



A COR DO BAMBA Kiko Ferreira¹

Vida é um souvenir made in Hong Kong

Autor: Zeca Baleiro

Ilustrações: Roger Mello

Goiânia: Editora UFG, 2010

Olhai os líricos do campo. Deles será a melhor visão dos arranha-céus. Como paisagem ou ponto de visão, decks de observação.

Zeca Baleiro é poeta dos que provam, por ar mais beijo, que letra de música pode ser poesia.

“Zen outsider”, bamba de tênis bamba e voz destilada em asfalto e ondas de rádio, sua voz giratória com cores diversas de drops dulcora é sintética. Como síntese. E não como artifício.

Vida é um souvenir made in Hong Kong é um título perfeito para quem manipula signos, imagens, memórias e projeções de futuros como artesão de lixo reciclável, iconoclasta irreverente de imagens circenses, à beira do desequilíbrio.

O certo retorcido e distorcido pela ótica ética de estética plurivocal de Zeca é candidato ao talvez, ao quem sabe, ao território do sonho onde o surreal se permite como quase norma.

¹ Poeta, crítico de música e radialista